



**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO N° 43 /2025
PROTOCOLADO SOB O N° 8780 /2025
EM 28/10 /2025**

**“Concede Medalha de Mérito Comunitário à Sra. Flávia
Andréa Padilha Lucio.”**

**Art. 1º Concede Medalha de Mérito Comunitário à Sra. Flávia Andréa Padilha
Lucio.**

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

Rio Grande, 28 de outubro de 2025

Karina Rocha
**Karina Rocha
Vereadora do PT**



JUSTIFICATIVA:

Flávia Andréa Padilha Lúcio, conhecida como Iyá Flávia de Oyá, é uma das principais lideranças territoriais da comunidade de matriz africana no município do Rio Grande/RS. Lidera o Ilé Asé Aloyá Ífokànrán, espaço tradicional de resistência, espiritualidade e promoção de saberes afro-brasileiros. É educadora popular, palestrante, empreendedora, presidente do Coletivo Meninas D'Oyá, presidente do Conselho de Segurança Alimentar (CONSEA) e coordenadora estadual de mulheres do Fórum Nacional de Segurança Alimentar dos Povos Tradicionais de Matriz Africana. Foi também vice-presidente do Conselho do Povo de Terreiro do Município do Rio Grande.

Em 2015, a Câmara Municipal de Vereadores de Rio Grande homenageou sua bisavó, Antonieta Goulart da Trindade, durante sessão solene alusiva ao Dia da Consciência Negra, reconhecendo sua relevância histórica e social na preservação da religiosidade africana e da identidade negra na cidade. Hoje, Iyá Flávia representa a continuidade dessa ancestralidade, conduzindo com firmeza e amor o legado herdado de suas antepassadas.

Mãe, esposa, tia, madrinha, amiga e mulher negra, Iyá Flávia é símbolo de resistência, dignidade e superação. Sua trajetória expressa a luta de tantas mulheres negras brasileiras que, mesmo diante das adversidades impostas pelo racismo estrutural, seguem cultivando axé, sabedoria e compromisso com a coletividade. Filha de Iolanda Padilha Lúcio (Gringa) e Luiz Carlos Goulart da Trindade, neta de Antonieta Goulart (Mãe Donga), Luiz Xavier, Júlio Ferreira Padilha e Diva Padilha, Iyá Flávia é irmã de Alexandre Padilha (in memoriam), Carlos Eduardo Padilha e Luiz César Trindade.

É mãe de Juliane Andreia Lúcio Soares e Darlan Vinícius Lúcio Soares, esposa de Manoel Valim e avó de Andreas Nunes Lúcio.

Renascida na tradição do Batuque, em Rio Grande/RS, aos 13 anos de idade, no dia 10 de maio de 1987, foi iniciada como Ọmòrìṣà Ọya pelas mãos de sua avó paterna e Ƚálóríṣà Donga de Oyá Dé, pertencente à bacia do Babbálóríṣà Zé da Saia. Criada em um terreiro de Batuque Jeje-Nagô e de Umbanda, desde pequena aprendeu o respeito ao sagrado e a importância de preservar os territórios de matriz africana construídos por seus ancestrais. Em 29 de janeiro de 1996, foi consagrada Ƚálóríṣà do Ilé Asé Aloyá Ífokànrán, tornando-se guardiã da tradição familiar e espiritual de Oyá.

A Iyá recorda uma das passagens mais significativas de sua trajetória espiritual:

"Em uma noite de sessão de Umbanda, na gira de Caboclos, meu avô Luiz recebeu seu chefe espiritual, Junco Verde. Ele nos disse que havia uma árvore plantada no meio do terreiro. Ninguém conseguia vê-la, mas ela estava ali. Disse que, por mais que o tempo passasse, aquela árvore jamais morreria, e que cada um de nós pertencia a um galho. [...] Doze anos atrás, quatro dias antes do falecimento da minha avó e Ƚálóríṣà, sonhei com ela. Estávamos em uma casa antiga, e ela me entregou uma muda, dizendo: 'Isso é pra ti, é minha herança'. Com o tempo comprehendi que a árvore e a muda representam a continuidade daquilo que temos de mais precioso: nossa ancestralidade."



Íyá Flávia é herdeira do axé do Ilé de Iansã, Ogum e Oxalá, seguidores da Cabocla Jurema das Matas, do Caboclo Ubirajara e do Caboclo Junco Verde. Sua comunidade é referência na cidade de Rio Grande, especialmente nas ações de enfrentamento à insegurança alimentar e de promoção da saúde, exercendo um papel social muitas vezes negligenciado pelo Estado.

“Foi na primeira infância que passei a formular perguntas e buscar respostas sobre minhas origens e ancestralidade. O amor pela tradição foi inscrito em meu corpo, desenhando os sentidos e significados do meu lugar, pertencimento e percurso como Íyálóriṣà. Meu àṣẹ está plantado nesta terra e continuará florescendo nas crianças de ontem, de hoje e das que virão.”

Atuação Profissional

A trajetória profissional de Íyá Flávia acompanha a história de muitas mulheres negras brasileiras. Iniciou sua vida laboral como trabalhadora doméstica e, posteriormente, atuou no comércio local até se tornar empreendedora, inaugurando o próprio salão de beleza, que se transformou em um espaço de convivência, fortalecimento e autoestima para mulheres negras. Mais do que um empreendimento, o salão foi um território de cuidado, onde o empreendedorismo se aliou à solidariedade e à promoção da dignidade. Dali surgiram inspirações para dissertações acadêmicas, formações profissionais e projetos sociais, como o “15 Anos Comunitário do Município de Rio Grande” e o “Coletivo Meninas D’Oyá”.

Liderança Territorial e Comunitária

Como presidente do Coletivo Meninas D’Oyá, Íyá Flávia atua ao lado da professora de Filosofia Juliane Soares, diretora executiva do grupo. O coletivo é formado por mulheres e homens que expressam arquétipos de divindades africanas ligadas ao clã ancestral de Oyá.

O nome do coletivo assim como sua Biblioteca comunitária homenageia Mãe Donga D’Oyá, matriarca reverenciada da cidade de Rio Grande, e tem origem no Ilé Asé Aloyá Ifokànrán, também conhecido como “Casa da Senhora Resistência”. O grupo atua na promoção da cultura, memória e saberes africanos, enfrentando o racismo e o racismo religioso e fortalecendo o legado milenar dos povos tradicionais de matriz africana.

O Coletivo Meninas D’Oyá tem como propósito central promover saúde, cultura, educação e fortalecimento comunitário, valorizando a ancestralidade e impulsionando a transformação social em territórios invisibilizados pelo poder público.

Ações e Projetos

A trajetória de Íyá Flávia de Oyá é marcada por ações contínuas de fortalecimento comunitário, combate ao racismo religioso e promoção da dignidade humana. Suas iniciativas, realizadas a partir do Ilé Asé Aloyá Ifokànrán e do Coletivo Meninas D’Oyá, têm alcance local, estadual e nacional, com foco em educação, cultura, saúde, segurança alimentar e valorização das tradições afro-brasileiras.

Coletivo Meninas D’Oyá



Criado no espaço sagrado do Ilé Asé Aloyá Ífokànrán, o coletivo atua na formação cidadã e cultural de mulheres e homens inspirados nas divindades africanas ligadas ao clã ancestral de Oyá. O grupo desenvolve atividades voltadas ao fortalecimento da autoestima, à promoção da saúde integral, à valorização da arte afro-brasileira e à preservação da memória ancestral. As ações são fundamentadas em práticas pedagógicas afrocentradas, que unem oralidade, corporeidade e espiritualidade.

Contribuiu com a idealização 15 Anos Comunitário, projeto que celebra os ritos de passagem de adolescentes negras de famílias periféricas, muitas vezes em situação de vulnerabilidade social.

Campanhas de enfrentamento à Segurança Alimentar como a entrega de alimentos e cestas básicas no bairro Maria dos Anjos. Desde 2018, Iyá Flávia atua de forma direta no enfrentamento à fome também nos territórios de matriz africana.

Ainda em 2018 inspirada e em parceria com o teólogo e professor Jayro Pereira de Jesus, promoveu uma aula com a Escola Ubuntu, realizada no Ilé Asé Aloyá, dedicada ao estudo e à vivência das filosofias africanas, fortalecendo o diálogo entre saberes tradicionais e acadêmicos.

Ciclo de Palestras “Meninas D’Oyá” (2019 – atual)

Série de encontros educativos realizados em escolas, universidades, instituições públicas e espaços culturais. O ciclo promove o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, além de debates sobre equidade racial, saúde da mulher e enfrentamento ao racismo religioso. As palestras tornaram-se referência regional e inspiraram a criação de grupos de estudos e projetos de extensão universitária sobre saberes africanos.

Durante o período pandêmico, coordenou, junto ao Coletivo Meninas D’Oyá e outras lideranças da comunidade remanescente de Quilombo Macanudos, a distribuição de mais de cem cestas básicas e kits de higiene, beneficiando famílias em situação de vulnerabilidade. Em paralelo, promoveu rodas de conversa sobre alimentação saudável, cuidados coletivos e espiritualidade, articulando fé, solidariedade e políticas públicas de segurança alimentar em eventos online.

Eventos Culturais e Formações

Evento “Matripotência - Sagradas Mulheres Águas” (2022)

Encontro voltado à saúde e espiritualidade da mulher negra, com oficinas de autocuidado, partilhas sobre o sagrado feminino e discussões sobre ancestralidade e corpo. O evento reuniu lideranças religiosas, terapeutas populares e pesquisadores, tornando-se um espaço de cura, formação e pertencimento.

Festival Cultural dos Povos Bantu / Sonora Brasil (2023)

Participação destacada na programação nacional do festival, apresentando a importância da dança, da música e do conto negro africano como linguagens de resistência e educação.

O Ilé Asé Aloyá Ífokànrán foi reconhecido como um espaço de referência para o fortalecimento da cultura bantu no extremo sul do país.

Ações Integradas de Saúde e Educação no Terreiro – Parceria com o AgPopSUS (2025)

Iniciativa de articulação entre o Sistema Único de Saúde e os terreiros, voltada à promoção de saúde, bem-estar e educação popular. As atividades incluem



atendimentos de saúde, rodas de conversa sobre espiritualidade e autocuidado, além de formação para agentes comunitários e religiosas(os) de matriz africana.

Educação, Leitura e Memória

Biblioteca Vó Donga (criada em 2023)

Espaço de referência em educação antirracista e preservação da memória afro-brasileira, sediado no Ilé Asé Aloyá Ífokànnrán. O acervo reúne obras de escritoras e escritores negros brasileiros, fortalecendo a leitura como ferramenta de libertação e pertencimento. A biblioteca também sedia rodas de leitura, oficinas de escrita, cursos e atividades intergeracionais, valorizando a transmissão oral dos saberes.

Formações Comunitárias e Oficinas Pedagógicas

Sob a orientação de Iyá Flávia, são desenvolvidas formações voltadas à educação étnico-racial, ao combate ao racismo religioso e à valorização da filosofia africana. As oficinas são direcionadas a educadores, jovens, lideranças comunitárias e agentes públicos, promovendo reflexões sobre ancestralidade, corporeidade e resistência.

As ações coordenadas por Iyá Flávia de Oyá têm gerado impactos diretos na comunidade do município de Rio Grande e região com ampliação do debate público sobre laicidade, diversidade religiosa e políticas para povos tradicionais, fortalecimento da autoestima e da formação cidadã de mulheres e jovens negras(os), contribuição para a redução da insegurança alimentar e o incentivo à economia solidária e promoção de educação antirracista em parceria com escolas e universidades valorizando da preservação ambiental e espiritual dos territórios tradicionais.

Textos de Iyá Flávia de Oyá Publicado em livros:

O quinto volume da Série Pensamento Negro Descolonial, "Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas", visa provocar aberturas para novos imaginários sobre as infâncias; produzir fissuras nos lugares por onde perpassam os estudos sobre crianças e infâncias, num Brasil que pouco se reconhece como forjado por tradições e culturas de matriz africana; provocar deslocamentos em conceituações aprisionadas e mumificadas em uma infância universal, branca, colonizada. Importa destacar que a infância, por si só, é uma referência de incômodo ao que está estabelecido e definido no mundo adultocêntrico. Incômodo que é ampliado quando tratamos de infâncias de terreiro e negras.

"Matripotência e Mulheres Olùşó: Memória Ancestral e a Enunciação de Novos Imaginários", é resultado do aquilombamento de Mulheres de diferentes regiões do Brasil, que compuseram o curso "Guardiãs do Povo de Terreiro – OLÙŞÓ", realizado no segundo semestre de 2021. Propõe um mergulho pelas entradas de experiências grafadas no corpo, na corpa, na memória, na história, na travessia de mulheres pretas, mulheres de axé, mulheres matriarcas, mulheres amefricanas na cena diáspórica.

A coletânea: "Minha História Minha Tradição" traz a visão de crianças e adolescentes de quatro povos e comunidades tradicionais que vivem no município de Rio Grande-RS. Crianças e adolescentes de terreiro, quilombolas, pescadores e indígenas contam sua visão de mundo e qual o olhar deles sobre sua comunidade, seus modos, seus fazer e saberes, que se expressam em suas próprias palavras,



donas de suas próprias narrativas, condensadas e organizadas em forma de obra pública por iniciativa do Instituto Cultural Filhos de Aruanda e com o apoio do COMDICA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Rio Grande.